

AS ALTERIDADES CIRCUNSCRITIVAS DAS ECOLOGIAS LINGUÍSTICAS [UM ENSAIO FOTOGRAFICO- FILOSÓFICO]

WELLINGTON AMÂNCIO DA SILVA¹

¹ Mestre em Ecologia Humana (UNEB-PPGEcoH); Especialista em Ensino de Filosofia (UCAM); Pedagogo (UNEB-Campus VIII).

Posso afirmar com certa precisão o que é uma árvore tal, e a partir daí, enquadrá-la numa espécie (categoria taxonômica mui subjetiva), todavia trazemos sempre uma definição enquanto *meu* conceito acerca da árvore, ou mesmo da metáfora *árvore como outro*, sem, apesar disso, quem sabe, iniciar qualquer possibilidade de um diálogo autoral com a árvore sobre o que ela é de fato, pois, apenas eu, ser humano, articulo o conhecimento do mundo e dos seres vivos na condição mediadora de um instrumental que é apenas meu, circunscrito para mim, enquanto *minha* configuração humana, o logos.



Chegando-se à *verdade da árvore* através da metáfora, assim como os galhos desta nos oferece um caminho ao seu interior, *em aberto* sempre, e ao mesmo tempo, tangência para o vazio além-da-árvore; interioridade porosa, sem simetria estrutural - apenas alguns caminhos sugestivos para o tato da sua forma detalhadamente singular.

Disto, afirmo o *meu nível de comunicação sobre um objeto* ao mesmo tempo em que o possuo no limite dos meus modos de apropriação e satisfação da retenção parcelar do seu conteúdo essencial. No entanto, se não quisermos

muito, ou soberbamente *tudo*, poderíamos chegar-nos à *verdade das árvores* através da metáfora, se não quisermos atravessá-la – por entre seus galhos intangíveis – *linguisticamente*.

No âmbito “do *objeto* para mim”, em que medida a árvore contribuiria para a *minha* definição, além da sua aparência e além do seu posicionamento, que se nos oferece como fenômenos observáveis? Eu não saberia responder. Partindo do plano “absurdo” de uma ontologia estritamente biótica, tudo o que *ela é* é o que sei *dela*? Construimos para nós um ser oco, quase totalmente solto no espaço branco da anomia da existência?²

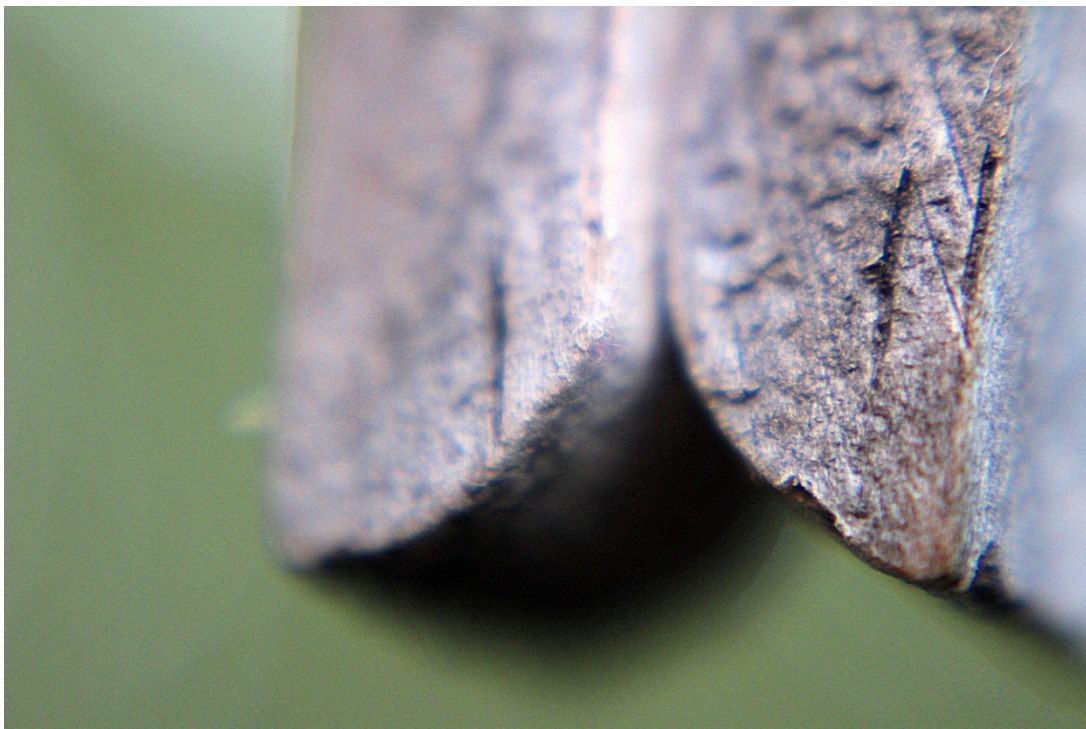


Em cada oco de árvore um umbral e ao mesmo tempo microcosmo de seres vários. Esta árvore reconstruída na linguagem é, desde sempre, um “ser” quase totalmente solto no espaço branco da anomia da existência.

Deparamos-nos assim com o eterno problema do *noumenon*, ou a *ding an sich*, kantiana cada vez mais afastada do nosso âmago, pelo “exercício até aqui escolástico” da análise de tudo que é vida *hic et nunc*. Não nos ocorre haver, até o presente momento, uma ontologia que não seja articulada por nós a

² Outra forma de interação não linguística seria aquilo proposto pelo professor Juracy Marques, a saber, a Escuta Sensível dos seres, uma espécie de leitura metassemiótica, para além das propostas de leituras biossemióticas estudadas atualmente (ver Jakob von Uexküll).

partir do esteio da nossa própria ontologia – dito assim, não podemos negar que nossa dimensão-linguagem institui uma ontologia circunscritiva em que infelizmente para nós o mundo factual é o que dele fazemos, e assim, subsumindo os seres do mundo numa condição representativa, *tomando-os para nós*, agora percebemos como eles se esvaziam de si quanto o tocamos com os olhos. Salvo as questões filosóficas postas aqui, essa aparente brincadeira com a *árvore que perdeu a sua “identidade” em nós*, muito fácil de ser respondida por muitos biólogos (visto que cuidar é *sobretudo* o que precisamos); isto me serve apenas para tentar demonstrar o tamanho do problema conceitual da alteridade que inicio aqui apenas como uma questão provocativa e sobretudo visual (de como queremos tanger o mundo com os olhos e de como este mundo se táctil não se deixa facilmente ver os seus limites mais supremos). De todo modo, talvez a mais concreta das relações entre homens e árvores seja o que fazemos delas hoje:



Macrofotografia de um pregador de varal. Sua transformação nos ajuda a compreender os modos pelos quais racionalizamos a Natureza construindo coisas ao *nosso* favor; no entanto, é possível observar na textura da madeira transformada, nos sulcos e arranhaduras, a permanência de uma “linguagem” própria a qual a Natureza é impávida em mantê-la para si.

A amizade filosófica de objetos interpretáveis (2009), por sua configuração lógica, oferece-nos um padrão de análise monológico, onde desde sempre este “objeto” de análise é posto sob as condições de profunda passividade - no momento em que é descrito e no momento em que é posteriormente representado (o “objeto” em si avança sob o movimento do tempo, espaço e contexto existencial); dizer-bem o que é um objeto seria tentar contornar ou atravessar *sua* “ontologia passiva” em busca de alguma comunicação. Para ilustrar essa ideia de alteridade, com a devida “licença poética”, utilizando o exemplo extremo da “comunicação com pedras”, no âmbito do *objeto para objeto*, de Teles (1973 p. 19), quando disse que o conceito de comunicação ocorre no sentido de interação físico-química, ao afirmar que “uma rocha se comunica, à medida que suas partículas nucleares se atraem ou se repelem na intimidade de sua estrutura atômica. Como se vê, comunicação implica movimento³. Sua extensão foi restrita ao campo biológico, plantas e animais, em função da imanência⁴. Dito isso, pode-se perguntar como, aliás, auscultar a *ipsissima vox* do objeto *pedra* a não ser por meio de instrumentos tectônicos? Como auscultar o “discurso” das nuvens a não se quando colidem umas com as outras, apresentando-nos trovões e relâmpagos - indícios posteriores, evidências periféricas do factual “nuvem”? E aqui já não temos resposta a dar-lhes, porque a chuva sempre impossibilita um diálogo, com sua torrencial “palavra final” ... Qualquer tentativa de comunicação para nós visa o prático. (Isso não ocorre com o outro - quer não seja petrificado, no âmbito da objetivação extrema de uma análise unilateral pretensiosa -, sem poder ou querer⁵ dizer *para nós* o que pensa acerca de si mesmo).

³ O autor justifica que “por convenção, chamou-se vida ao automovimento imanente” (1973 p. 19).

⁴ Como se daria isto no campo da Filosofia da Ciência, ou mesmo simplesmente no campo da Ciência (*ἐπιστήμη*) da Filosofia?

⁵ A questão do poder ou querer aponta para a sentença antiga, *natura non contristatur*.



Nesta interação, às vezes sem palavras, mesmo diante de nossos apelos estéticos, historicamente constituídos, a Natureza parece não se comover conosco (*natura non contristatur*) – somos apenas um meio dela se realizar, perpetuando-se, engajada em si mesma, em seu projeto indescritível?

Nesta perspectiva de alteridade, é possível ter uma ideia geral dos sentidos da *comunicação* nos debates até o tempo presente, ao se referir ao *movimento* de encontro - desde encontro entre placas tectônicas até o encontro dialógico entre sujeitos nos limites da profundidade da linguagem teórica e conceitual, nos limites do que pensamos sobre alteridade, nos limites do seu repertório mental acerca destas coisas, da sua visão de mundo colonizado pelo espírito - no sentido dado por Bruno Snell. Deste movimento de encontro, o seu contrário - a separação enquanto movimento de afastamento - pode demonstrar de fato alguma alteridade⁶. Nessa perspectiva, o outro é sempre o que não sou -

⁶ Separa-se no mínimo por dois motivos: a) separação entre entes iguais - e certamente por causa disso -, b) separação de entes distintos. Perguntamos-nos se o *igual* pode ser dividido, ou no plural, se os entes iguais são formalmente divisíveis? Como se daria (em fileiras) essa distribuição *entre* iguais, se os entes separatórios de ente para ente enfileirados configuram uma paisagem em si de alteridade? O que os torna, dentro da mesma farda, diferentes? É o entremeio da separação que suscita a alteridade negativa como aparência e não como essência. É essa separação que os tornam diferentes atuando no arcabouço da sua essência. Mas, o grande problema dela é tanto visar conceber uma unidade aparente entre os entes da fileira, tendo nisso a possibilidade de excluir o diferente - como seu objetivo teleológico -,

isto, *necessito* respeitar; tal Encontro diz mais a respeito da *Concepção de Presença* (2015), um fator antes contemplativo de saber, e depois de toque-fruição.

No âmbito do *outro objetivado*, o problema da alteridade⁷ - temática de “conflito” - começa justamente pela buscar do conhecer o outro, dentro e sempre a partir de um grupo, num generalismo; pelo resultado contradito dessa definição, feito por mim, a partir de mim, a buscar ou saber acerca do diferente entre indivíduos “iguais”, sob as condições abstratas de “igualdade” pode suscitar muitos equívocos; mas não entre as árvores, ou entre elas e nós.



A distribuição de galhos e caules de uma árvore, sempre apontando para o alto céu, como uma autoridade eclesiástica de uma arcaica religiosidade, nos mostra objetivamente por sua configuração, os limites que não devemos atravessar – caso contrário, degradamos a árvore e corrompemos o nosso espírito pelo vício predatório. As árvores nos exortam pacientemente acerca do nosso ímpeto territorial deliberado no linguístico. Como se sabe, esta questão não é apenas um problema da linguagem, mas linguístico espacial.

da sua universalidade contraditória. A igualdade quando aponta para a alteridade é um conceito basilar de algum fascismo velado na própria linguagem. Contradição: separação substantivo passivo; afastamento, substantivo ativo.

⁷ Para tentar não entrar no complexo universo sagrado do Outro, em Lévinas; sim, do outro como *humano* e não como *árvore*, para ariscar-se nesta taxonomia subjetiva sem fim da espécie humana, ao menos na Modernidade. Assim, tratar do Outro humano talvez demandasse maiores energias do que o exemplo botânico.

O grande Outro, nosso problema incontornável, é antes a própria vida (alienada sempre em qualquer análise) da qual nos distanciamos a cada dia; não é a figura de outro ser humano à minha frente, mas a vida mesma não à minha frente, mas, rente a mim. E é nesta interpretação, e afirmação do outro como ser humano igual a mim, que o estudo da alteridade perde fôlego, ou na pior das hipóteses, é aniquilado. “Que outro, se todos somos seres humanos?” – disse alguém certa vez. Todavia, de um ponto de vista genético, nos parecemos demasiadamente com árvores. Talvez o problema ideológico da alteridade seja o da representação do distinto, do inverso em *outro*. Ou o outro é como eu – e assim resolvo o problema da igualdade/desigualdade -, ou o outro é diferente de mim – e assim, dele estou sempre me afastando cada vez que pronuncio “outro”; porém, cada vez que o penso a partir de um “outro”, mais alieno-me de mim mesmo nesta relação; cada vez que o represento como “outro”, mais o *conhece-te a ti mesmo* é interditado de fora para dentro. Contudo, o outro dito por ele mesmo já não seria lá um estudo de alteridade clássica, mas aqui a possibilidade de clarificar a alteridade na prática – desta hipótese, torna-se impraticável entender as árvores – a não ser que a sensibilidade adquirida através da tentativa de entender o outro e a mim mesmo seja pré-requisito para auscultar árvores e exercer a mais bela das *amizades de objetos interpretáveis* (TAMEN, 2009).

Se a busca do entendimento do outro só pode ocorrer através da linguagem lógica e formal ao que pretende a filosofia, há já aqui uma mediação que é, quanto maior for sua complexidade conceitual maior a distancia entre o eu e o outro; o outro é sempre um conceito que desencadeia afastamento - e temos na própria análise como instrumental de apreensão, um duplo afastamento da presença viva do outro: primeiro porque o outro é diferente; segundo, quando a linguagem – por sua constituição formal - faz dele um ser “a nossa frente” (*prae-esse*).



As diferenças essenciais entre o outro e eu poderia ser encontrada no vão que separa os corpos - este espaço infinito habitado pela linguagem. Tais diferenciações não podem ganhar em consistência através do que nos "diz" - sem logos - a pele (fachada ontológica do ser), se engelhada, ferida, estigmatizada, se negra, se parda, vermelha, verde, alva ou leprosa; assim como o tronco de uma árvore (que ao mesmo tempo denuncia o tempo e os fatos nos quais esteve implicada) tem muito a dizer sobre a vida, que a vida diga de mim e do outro o que somos ou poderemos ser. Se a vida fala, de quem é a linguagem? Sejamos mais voltados a ouvir.

O dito *natura non contristatur* (2001) é o fundamento da postura da vida em relação a nós. A vida não quer ver o outro, nem me quer ver, mas, na condição de "nós", somos *quem* postulamos as condições de alteridade e trazemo-las para cá numa relação que tenta reorientar a vida de indiferença com respeito à bem considerar a diferença - a tríade *eu*, o *outro* e *Natureza* seriam três dimensões epistemológicas inseparáveis de entendimento que atualmente suspeitamos desconhecer em grande parte. Talvez Dioniso entre as videiras ou mesmo alguma idosa mediterrânea, iletrada, que debulhava grãos para a sua comunidade - sobre a eira antiguíssima dos seus pais - tenham compreendido melhor do que nós o que realmente é uma árvore.

Referências

DA SILVA, Wellington Amâncio. *Aspectos da existência situada em Heidegger*. Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v. 3, n. 1, 2014.

_____. *Concepção de Presença em Gumbrecht – Contribuição Paradigmática e Transdisciplinar*. Revista Opara, v. 5, n. 1, p. 149-159, 2015.

_____. *Representations of Nature in Human Culture*. American Journal of Human Ecology, v. 3, n. 1, p. 10-16, 2014.

_____. *Ontologia E Linguagem: As Condições de Coautoria E as Possibilidades de Sentido*. Vol. 1. Maceió, Edições Parresía, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SNELL, Bruno. *A Descoberta do Espírito*. Ed. 70, Lisboa, 1992.

TAMEN, Miguel. *Friends of interpretable objects*. Harvard University Press, 2009.

TELES, Expedito. Fundamentos biológicos da comunicação. In: Adísia Sá (Coord.). *Fundamentos científicos da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1973.